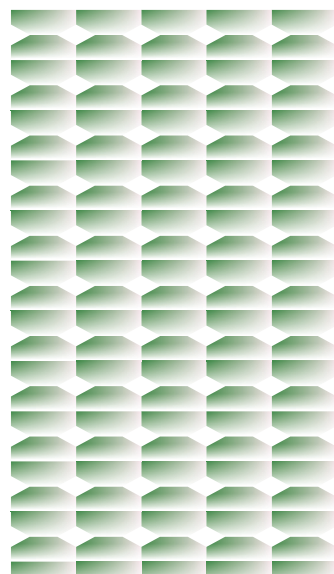
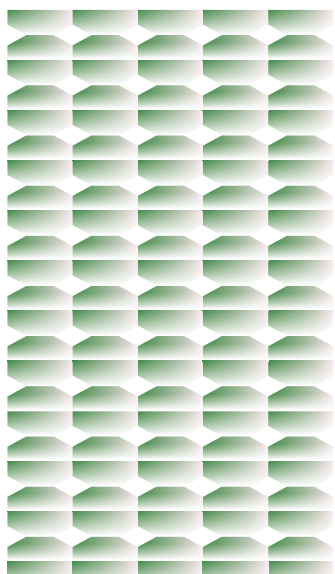


ENTREVISTA



O legado de Ciro Marcondes Filho

The legacy of Ciro Marcondes Filho

El legado de Ciro Marcondes Filho

Entrevista com o professor José Luiz Braga

Realizado por Carlos Eduardo Souza Aguiar

Faculdade Paulus de Comunicação – FAPCOM

<cadu.s.aguiar@gmail.com>

Carlos Eduardo Souza Aguiar: O professor Ciro Marcondes teve uma longa trajetória de docência e de pesquisa na área da Comunicação, tornando-se uma referência incontornável. O senhor pode nos contar como foram ao longo desses anos os encontros e diálogos estabelecidos com ele?

José Luiz Braga: Nossas oportunidades de diálogo e debate começaram antes do momento marcado pelos artigos que publicamos em controvérsia expressa.

Em 2000, o Seminário Interprogramas organizado pela Compós e pela PUC-SP teve como tema geral “Como fazer a crítica das práticas midiáticas?”. Uma das mesas de debate era composta por Ciro Marcondes, por Rousiley Maia, da UFMG, e por mim, da Unisinos. Ciro iniciou sua fala pela afirmação de que nenhum dos presentes era um pesquisador *em Comunicação*, ainda que apresentando publicações interessantes e competentes. A justificativa da afirmação era que não sabíamos, com segurança, conceituar “comunicação”. Como poderíamos afirmar, com rigor científico, que estávamos efetivamente “fazendo estudos de comunicação”?

Pode-se imaginar o debate subsequente em torno dessa provocação – evidentemente discordamos todos. Era uma tática frequente de Ciro. Sei que, na época, me senti mesmo bastante irritado. Mas o importante é que, durante anos após o Seminário, eu me via buscando ângulos investigativos e desenvolvendo argumentos para aprofundar minha convicção de ser, de sermos todos, pesquisadores em Comunicação. Meu artigo “Comunicação e Senso Comum”, de 2019, publicado na Revista PAULUS, é ainda uma repercussão desse debate.

E encontramos-nos, depois, no GT de Epistemologia da Comunicação, da Compós – espaço especificamente dedicado ao diálogo e à controvérsia. Desses encontros, ao lado das propostas sempre instigantes e que convidavam ao debate, quero destacar outro aspecto apreciável de Ciro: sua dedicação à formação do estudante. Entre seus melhores artigos, estão aqueles em que levou ao GT de Epistemologia relatos de suas experimentações pedagógico-comunicacionais na ECA/USP – fazendo cada estudante desenvolver e interpretar processos experimentais de comunicação, com participação direta em circunstâncias de vida real (MARCONDES FILHO, 2011; 2018)

No mesmo sentido pedagógico, vale referir um episódio. A Compós aceita submissão de textos escritos por doutorandos e mestrands – que passam por seleção conjunta com os demais autores que submetem seus artigos. Uma mestranda teve seu texto escolhido para o GT de Epistemologia. Nos debates após a apresentação do texto, uma crítica exacerbada de certo modo assustou a pesquisadora, já um pouco intimidada. Ciro imediata-

mente se inscreveu – e sua fala mudou o ambiente, compondo um misto de orientação para superação de um ponto ou outro menos desenvolvido do texto, e de defesa dos elementos do artigo que sustentavam a validade de sua presença no GT, gerando tranquilidade e estímulo para a estudante.

Mais ou menos por essa época estávamos publicando os artigos que compõem de modo mais específico nosso debate mais conhecido. Logo após estas publicações, lembro de um convite feito por **Ciro** para a gravação de uma conversa que depois seria apresentada na Rádio da ECA. **Ciro** dialogou aí comigo e com a Profa. **Lucrecia Ferrara**, abrindo espaço para debatermos em diapasão agradável e estimulante. Foi talvez o primeiro momento em que ficou claro, para mim, que o debate era, para **Ciro**, uma possibilidade de aproximação – não por um acordo fácil de ideias e sim pela satisfação da inteligência.

Ciro organizou, ainda, uma Rede, reunindo Grupos de Pesquisa e discutindo seus processos, de que nosso PPG da Unisinos participou intensamente. Particpei pessoalmente de três encontros (em São Paulo, 2012, em Natal, 2013, e na Unisinos, em São Leopoldo, 2014). Considerando a experiência relativamente reduzida, na área, de pesquisa em grupo e de articulação de pesquisas individuais em torno de uma linha definida de investigação, a Rede Grupos valeu muito pelo ângulo formador – com um papel principal do próprio **Ciro**. Creio que nosso colega da Unisinos, Prof. **Jairo Ferreira**, que teve uma participação entusiasmada no processo, inclusive como organizador do encontro de São Leopoldo, teria uma exposição mais detalhada dessa experiência.

Os dois seminários “Quinta Essencial” foram, em processualidade mais estrutu-

rada, um âmbito excelente de aprofundamento de ideias – organizados na Faculdade **Cásper Líbero**, por **Luís Mauro Martino** e **Lauren Colvara**, a partir de uma proposta de **Ciro Marcondes**. O primeiro, em 2014, reuniu **Ciro Marcondes**, **Muniz Sodré**, **Lucrecia Ferrara**, **Norval Baitello** e eu. O segundo, em 2016, com os mesmos participantes, ausente apenas **Muniz Sodré**, que estava no exterior. O processo básico era o seguinte: cada um dos participantes tinha uma manhã ou uma tarde para apresentação de um texto, preparado especialmente para o encontro. Os demais comentavam o texto apresentado, e o apresentador replicava, em seguida a cada fala. Ao final, o público na sala fazia também observações e perguntas. Assim o processo completo, por artigo apresentado, durava cerca de três horas – com tempo suficiente para um esquadrinhamento detalhado e debates de aprofundamento.

Quero referir apenas mais um episódio, infelizmente o último, de nossos encontros e debates. Em 2020, já muito fragilizado, **Ciro** fez questão de aceitar o convite para participar de uma das mesas do IV Seminário Internacional de Mídiação, anualmente organizado pela Linha de Pesquisa Mídiação e Processos Sociais, do PPG em Comunicação da Unisinos, e coordenado pelo Prof. **Jairo Ferreira**. O tema geral do ano era “*Sapiens Mídiação*”. A mesa de abertura foi composta por **Ciro** e por mim. O tema da mesa era “*A construção do conhecimento entre o social e o comunicacional*”. **Ciro** adotou uma abordagem com o título “*A construção comunicacional da realidade*”. Escolhi o ângulo “*Comunicação e Aprendizagem*”.

Não combinamos nenhuma linha de abordagem preferencial – apenas levamos, cada um, sua reflexão e suas proposições. Percebe-

Muitos de nós que, como **Ciro e eu**, participamos com frequência do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós, buscamos abordagens, heurísticas e propostas para esse desenvolvimento, justamente porque os caminhos não são dados – é preciso desbravar.

mos que tínhamos, ambos, adotado uma visão de longa duração para abordar nossos temas. Com isso, apesar da diversidade de ângulos específicos, expressos em nossos títulos, as duas falas se mostraram muito complementares. Após as falas, não surgiu um debate de dúvidas ou contraposições – simplesmente elaboramos os elementos de articulação que tinham se mostrado nas falas, percebendo sua composição possível. Gosto de acreditar que não foi uma coincidência – penso que, preparados para uma mesa em conjunto, e conhecedores das posições, um do outro, estávamos naturalmente em sintonia. Sou grato pelo fato de que nossos debates tenham se encerrado nessa tonalidade – intelectual e afetiva.

Carlos Eduardo Souza Aguiar: O que o senhor acha do esforço central de **Ciro Marcondes** de definir o escopo acadêmico dos estudos de Comunicação buscando sua especificidade? O senhor concorda com o diagnóstico de que, dada a multiplicidade de estudos e abordagens, a área sofre com um problema de identidade?

José Luiz Braga: Sempre compartilhei a perspectiva da relevância dos estudos de Comunicação. Tínhamos, ambos, a convicção de que se trata de uma disciplina entre as Ciências Humanas e Sociais (CHS), implicando a necessidade de sua constituição continuada, para um reconhecimento pleno de sua especificidade. Embora buscássemos tal desenvolvimento por aborda-

gens diversas, creio que o importante é essa convicção sobre a meta.

Muitos de nós que, como **Ciro e eu**, participamos com frequência do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós, buscamos abordagens, heurísticas e propostas para esse desenvolvimento, justamente porque os caminhos não são dados – é preciso desbravar. Cada um acionou sua biblioteca, suas percepções sobre a questão comunicacional, sua experiência e seus objetivos, como linha de ação investigativa e propositiva.

Acredito que o avanço do conhecimento comunicacional não ocorrerá pela seleção de uma dentre as abordagens em curso (ou ainda a propor), descartando as demais. O próprio tensionamento entre as diversas perspectivas acabará resultando em uma percepção mais aguda, permitindo uma superação das contradições e das lacunas – e só aí será possível começar a perceber as linhas mais promissoras.

Ciro acerta no diagnóstico: a multiplicação de abordagens cria efetivamente problemas de identidade. No século XX, as teorias sobre comunicação eram produzidas por disciplinas CHS diversas – que não conversavam entre si sobre o tema. Muitos assumiam, então, que éramos um “campo interdisciplinar”, composto por aquelas ofertas – atribuindo aos pesquisadores em Comunicação um papel sobretudo recolhedor de ofertas de outras disciplinas.

Desde os anos 1990, a situação começou a se modificar. Cessou a oferta de “teorias gerais” por outras disciplinas, mas a multiplicidade dos estudos tomou outra forma. Trata-se, agora, sobretudo de um trabalho sobre a diversidade de ocorrências sociais que implicam algum ângulo comunicacional, buscando perceber aí especificidades comunicacionais em situações mais ou menos circunscritas: profissões da comunicação, mídias, questões de gênero, situações políticas, espaços da cultura, da economia, educacionais, psicológicos, de esportes etc.

Há uma inversão do que ocorria no século XX. Já não esperamos receber teorias prontas de outras áreas – vamos lá pesquisar diretamente o que há de comunicacional naqueles espaços. Ao mesmo tempo, enquanto cada teoria no século XX se pretendia abrangente, agora há uma despreocupação com a abrangência: o objetivo é perceber especificidades “locais”, por tipo de situação – acionando para isso qualquer teoria pontualmente pertinente.

Assim, a diversidade continua: os processos comunicacionais são estudados em modo estilhaçado. Quanto ao tratamento a ser dado a essa questão, **Ciro Marcondes** buscava um enfrentamento ontológico, procurando chegar à essência do comunicacional, a uma definição teórica que, atribuindo uma identidade ao campo, superaria o problema.

Concordando com o diagnóstico, busco outra vereda. Acho que aprendemos com a diversidade – tenho a convicção de que esta é necessária e não caracteriza, por si só, a dificuldade apontada. O problema efetivo é a dispersão entre as múltiplas abordagens e objetivos. Nesse caso, não precisamos de uma identidade prévia – mas sim, de encontrar caminhos de articulação dos ângulos diversos. A solução seria mais de

composição significativa para gerar identidades. A superação da dispersão deve se fazer por derivações que aproveitem o que se seja mais pertinente e articulável, a partir da própria diversidade de percepções.

Carlos Eduardo Souza Aguiar: Que avaliação que o senhor faz do projeto de **Ciro Marcondes** de criar uma “Nova Teoria da Comunicação”? De fato, sofremos com a obsolescência das antigas teorias que não dão mais conta dos novos dinamismos trazidos pelas novas tecnologias?

José Luiz Braga: Essa pergunta permite complementar o comentário que fiz sobre a anterior.

Certamente, as antigas teorias – que entendendo serem aquelas propostas no século XX, até os anos 1990, realmente não dão conta da complexidade que hoje percebemos na comunicação humana e social. Eu não diria que tais teorias sejam propriamente obsoletas. São precursoras de uma disciplina em constituição. Nesse sentido, fazem parte de uma história que deve ser percebida em sua dinâmica. **Auguste Comte**, em 1850, no período em que a Sociologia se encontrava mais ou menos no estágio constitutivo em que se encontra hoje a Comunicação, observou que as primeiras perguntas e hipóteses de uma ciência ainda não existente são feitas no âmbito de outra ciência. Assinalou, nesse sentido, a sequência histórica que vai da Matemática à Sociologia nascente – passando, nesta ordem, por Astronomia, Física, Química e Biologia – cada uma delas prefigurando perguntas e hipóteses da seguinte.

Esse período, de primeiras perguntas e hipóteses, é um período precursor, a ser ultrapassado – não propriamente por obsolescência, mas porque as perguntas e hipóteses

Há uma inversão do que ocorria no século XX. Já não esperamos receber teorias prontas de outras áreas – vamos lá pesquisar diretamente o que há de comunicacional naqueles espaços.

se encontram no terreno de outra ciência, que apenas percebe em seu campo a existência de problemas e variáveis que se atravessam em suas próprias preocupações. Lembrando, adicionalmente, que desde os anos 1990 as CHS deixaram de propor novas teorias sobre Comunicação. A tarefa, agora, claramente, nos incumbe, aos que trabalhamos diretamente em nosso campo – o interesse das demais CHS não irá além do ponto a que chegou.

Valorizo a iniciativa de Marcondes, com sua proposta – assumindo desde cedo uma tarefa que, historicamente, ainda vai se prolongar por algumas décadas. Um primeiro passo é o de fazer a crítica da elaboração precursora, por sua insuficiência e setorialidade de problematizações. Esse é um aspecto que me parece pouco ressaltado, e que entretanto é fundamental – contribuição que, por si só, já coloca Ciro Marcondes em um lugar relevante na história coletiva do desenvolvimento de uma ciência.

Ao lado disso, a proposta de uma nova teoria é um passo adicional, que devemos admirar. Sabemos que a proposta não conseguiu uma penetração extensiva, no país. Mas o avanço do conhecimento não se mede apenas por sucessos retumbantes – que aliás, quando ocorrem, são também resultado de uma extensa produção diversificada anterior e de uma conjuntura histórica favorável.

O que percebo acontecer na área, desde o final dos anos 90 (e acredito que isso foi estimulado pelo desenvolvimento da Compós) é a proliferação de ângulos e situações em que to-

dos passamos a tentar desentranhar – diversificadamente – a questão comunicacional (como comentei na pergunta anterior), em uma variedade de situações e de contextos. Esta parece ser, então, uma segunda fase, após o período precursor em outras disciplinas.

Nesse ambiente, que chamo aqui de segunda fase – de diversificação interna do campo, somado a pesquisas de interface e direcionado por pesquisadores da própria área – entende-se que a proposta de uma nova teoria geral não encontre boa acolhida. Seria preciso, de modo pouco provável, que toda uma variedade de pesquisadores abandonasse seus “objetivos específicos” não acolhidos por essa teoria geral.

Em suma: a área não está em uma fase de teorias gerais, e precisaremos aprender o que se produz nessa variação de aspectos, em trabalhos de campo e extração de características pontuais – para sobre isso fazer novas triagens, agregações, tensionamentos mútuos – e então conseguir depurações abstratas.

Mas isso não significa que a proposta teórica de Ciro seja inoperante ou sem contribuição. Creio que poderei assinalar isso, mais detalhadamente, em outra pergunta.

*

Não creio que as teorias do século XX tenham se tornado obsoletas em decorrência do avanço tecnológico. Perderam sua pretendida abrangência porque tratavam de problemas pontuais situados em questões próprias das CHS de origem – e imaginavam apreender a totalidade dos desafios comunicacionais.

Certamente, novos ângulos da questão comunicacional surgem com as novas tecnologias, novos problemas pontuais. Esses problemas estão sendo produtivamente investigados – mas a questão não se circunscreve a essa dimensão específica de variações (como a de nenhuma das muitas outras dimensões, na fase atual de investigação diversificada). A questão comunicacional é mais abrangente e anterior – embora possa, na circunstância concreta, ser modalizada nessas *dimensões de variação*, e ser direcionada conforme os *processadores de comunicação* constituídos. Desenvolvo esses dois conceitos no artigo “O desafio comunicacional”, de 2022.

Carlos Eduardo Souza Aguiar: Quais os possíveis pontos de convergência e divergência dessa abordagem proposta por **Ciro Marcondes** com o modo como o senhor entende os fenômenos comunicacionais?

José Luiz Braga: Costumo dizer aos estudantes de mestrado e doutorado que os pesquisadores da Comunicação se encontram no estágio em que pesquisadores de Sociologia estavam na segunda metade do século XIX. Essa proposição tem um duplo objetivo.

O mais imediato é o de tranquilizar os que se sentem meio perdidos, em meio à diversidade de ângulos, de teorias e conceitos, assim como de modos de abordagem e de objetos que pedem a atenção. O mais relevante é o de esclarecer a situação histórica em que nos encontramos. Estudantes e professores, somos todos pesquisadores em processo de construção de um conhecimento. Convergir e divergir é o melhor que temos a fazer. O grande risco da área e a indiferença na diversidade.

Uma ciência já estabilizada, em termos de “ciência normal” (Thomas Kuhn), embora continue sempre avançando em suas fronteiras – e portanto divergindo-convergindo – pode se dar ao luxo de especializações mais ou menos confortáveis.

Isso explica a relevância que damos aos debates. Em outros pontos desta entrevista assinalo pontos de acordo e diferenças que **Ciro** e eu debatemos. Aqui quero apenas sublinhar uma convergência principal com **Ciro Marcondes**: acreditamos, ambos na relevância dos debates.

Ciro – algumas vezes mal compreendido – entendia a importância de ir além das coisas já expressas, a insuficiência do que já se disse sobre comunicação. A oportunidade rara de estarmos em uma campo de conhecimento em processo de construção não pode ser perdida.

Depois de publicado meu artigo “Nem rara nem ausente – tentativa”, soube que **Ciro** leu o artigo com satisfação polêmica: espaço para um bom debate. Tanto que após os artigos em que apresentamos nossas respectivas posições, continuamos um diálogo produtivo – observando que a produtividade, no avanço do conhecimento, se faz pelo debate e pela controvérsia.

Referi em pergunta anterior a experiência dos encontros “Quinta Essencial”, que foram resultado de uma proposta de **Ciro** – evidenciando o valor dado por ele a essa estratégia para desenvolvimento do campo.

Carlos Eduardo Souza Aguiar: Como o senhor avalia a proposição/provocação do professor **Ciro Marcondes** de que a área da Comunicação no Brasil raramente estuda a comunicação em si, mas sempre seus efeitos, aproximando-se mais de outras áreas e nunca tratando de um objeto próprio?

Estudantes e professores, somos todos pesquisadores em processo de construção de um conhecimento. Convergir e divergir é o melhor que temos a fazer.

José Luiz Braga: Era uma proposição (e provocação – é verdade) necessária. Esse desinteresse por um objeto próprio é a herança de uma das preocupações sociológicas do século XX. A entrada em cena dos grandes meios massivos foi o que chamou a atenção dos sociólogos (ladeados por cientistas políticos e filósofos), por sua incidência sobre processos político-sociais que, antes dessa entrada, ofereciam linhas de previsibilidade e de constituição institucional bastante desenvolvidas.

O problema empírico – efetivo, concreto – para tais pesquisadores e pensadores era – de modo muito válido – refletir sobre que efeitos estariam sendo gerados sobre as instituições, sobre a sociedade, sobre a formação da opinião pública. Teorias relevantes foram produzidas sobre tal macro-problema. Mas é certo que este não é, propriamente, um problema comunicacional. É um problema político e sociológico, em que um elemento material de ordem comunicacional aparece apenas como variável interveniente.

Claro que outras teorias, não estritamente focadas em *efeitos*, surgiram ainda no século XX – voltadas para aspectos práticos profissionais, culturais, táticos, linguísticos, ampliando um pouco o cenário. Mas justamente, a falta de uma percepção (ainda não existente) sobre uma especificidade comunicacional levava a uma tendência de estudar “efeitos dos *media*” como principal preocupação.

No século XXI, a área já esquadrinha a diversidade do mundo, buscando desbravar características (muito diversas) dos processos comunicacionais (no plural). É verdade que essa procura é diversificada e apresenta pouca consistência integradora. Aqui aparece uma das diferenças táticas entre o que pesquisamos, *Ciro* e eu.

Ele defendia a perspectiva de ser preciso, antes de tudo, buscar definir o que é comunicação, em si, buscar seus aspectos essenciais, para então, munido dessa definição do fenômeno, ir a campo para buscar os modos diversos em que este aparece.

Minha tática é inversa. Temos uma noção (ainda que de senso comum) sobre o que é comunicação. Com base nessa perspectiva – vaga, imprecisa, diversificada – temos fios de meada suficientes para esquadrinhamentos muito diversos, com potencialidade de desentranhamento de características plurais, setorializadas que sejam; mas aí, justamente, futuras percepções articuladas podem se fazer a partir destas características percebidas. Tive a ocasião de debater essa questão em um dos seminários “Quinta Essencial”.

Temos então, *Ciro* e eu, duas táticas diversas (entre outras, que diferentes pesquisadores acionam). Não temos certeza sobre qual ou quais destas finalmente serão mais bem-sucedidas. Por isso mesmo é importante sermos vários e diversificados, os experimentadores.

De todo modo, se ainda não construímos um objeto suficientemente abrangente, é certo que a ênfase em “efeitos” parece

agora superada. Tenho a convicção de que a provocação de **Ciro** terá sido salutar para essa virada de página.

Carlos Eduardo Souza Aguiar: Qual avaliação o senhor faz da definição proposta por **Ciro Marcondes** de comunicação como algo improvável e que aconteceria nesses raros momentos em que um fato comunicacional teria a capacidade de criar algo novo ou mesmo transformar o modo como percebemos e interpretamos o mundo? Como lidar com todos os outros fenômenos menores, banais, que, para **Ciro Marcondes**, eram meras trocas de sinais ou informações?

José Luiz Braga: Esta questão permite abordar o ponto inicial de meu debate com **Ciro**, que depois foi enriquecido pelos encontros “Quinta Essencial” e pelos debates mais diversificados da Rede Grupos de Pesquisa.

Meu artigo “Nem rara, nem ausente – tentativa” (de 2010), ao propor essa tese indicadora de uma característica bastante geral da comunicação, comentou diretamente a questão da raridade conforme defendido por **Ciro Marcondes** (em livro de 2004), dando assim início ao debate.

Não se trata, aqui, é claro, de sintetizar a variedade de pontos. Apenas assinalo que em outro artigo, no qual comentei o artigo-resposta de **Ciro**, busco indicar os pontos de acordo, os desentendimentos apenas semânticos (sempre fáceis de superar); e explícito o que entendi como efetivas diferenças.

Entre os pontos de acordo está justamente a potencialidade de fazer surgir algo novo, de transformar, que tem a comunicação. No entorno dessa questão em comum, apresento entretanto diferenças de perspectiva. **Ciro** situa na chancela “comunicação” apenas as transformações fortes, profundas, imediatas e

autopercebidas – e esse conjunto de requisitos torna essa possibilidade efetivamente rara.

De minha parte, entendo que, embora estas mudanças sejam relevantes e raras, isso não exclui da ação comunicacional as transformações lentas e cumulativas, que podem até passar despercebidas pelos próprios participantes do processo. Dou como exemplo a aprendizagem. Entendo que os processos paulatinos não são menos relevantes. Como considero que a comunicação é a principal dinâmica na delicada e perigosa elaboração social de composições entre a transformação e a estabilidade, dou particular importância a processos às vezes menos vistosos, mas que continuamente movem as culturas e podem – na dimensão histórica – fazer compreender sucessos e descaminhos.

No artigo, assinalo a presença da comunicação nesse âmbito, com a seguinte proposição: “Vejo com clareza a incidência comunicacional no lento solapar/assorear – mais que no rompimento repentino dos diques” (BRAGA, 2012, p. 29).

Por outro lado, se discordamos (neste e em outros pontos), procurei deixar claro que o espaço das visadas diversas não é uma briga para ver quem tem razão. Para que diferenças sejam produtivas (e as nossas o foram) é importante perceber o que, especificamente, posições e encaminhamentos tentam fazer. Se se tratar de afirmações contrapostas, mutuamente excludentes, sobre um mesmo objeto, é preciso aprofundar a pesquisa para distinguir erro e acerto. Mas, não raramente, o que ocorre é a constatação de âmbitos diferentes de validade – e é necessário distinguir estes âmbitos e o que cada encaminhamento busca aí elucidar.

Constatarei, então, que não dizíamos coisas opostas referentes a um mesmo objeto –

Entendo a resistência de Ciro, no que se refere a considerar a comunicação como troca ou compartilhamento. “Compartilhar”, de certa forma, implica que as pessoas trazem alguma coisa prévia e pronta – anterior a qualquer experiência comunicacional – e se põem a trocar estas ideias, propostas, experiências vividas, conhecimentos, tomadas de posição, sentimentos.

estávamos, na verdade, construindo objetos diversos, referentes aos problemas, também diferentes, que enfrentávamos. Fazíamos apostas distintas, em referência ao problema geral da insuficiência ontológica da área.

Ciro se pergunta: “Como posso defender uma tese de que há ou de que não há comunicação se eu não explicito claramente, antes de qualquer coisa, o que é, para mim, a comunicação?” (MARCONDES FILHO, 2011, p. 170).

De minha parte, o problema assume outra forma: como encontrar, nas interações sociais, lógicas e processos comunicacionais? Diferente da conceituação ontológica prévia, a tática busca um processo empírico de *desentranhamento* da comunicação, nos lugares em que suspeitamos sua presença.

Não sabemos do futuro sucesso destas “apostas” – mas é importante que sejam feitas. Não apenas não se excluem mutuamente – seu debate permite iluminar e desenvolver os dois caminhos.

Carlos Eduardo Souza Aguiar: Para Ciro Marcondes, a efetividade da comunicação é algo bastante unidirecional, dependendo da abertura do “receptor” e do âmbito do recebimento. Ciro Marcondes rejeitava a visão da comunicação como troca ou compartilhamento. Nesse ponto, como o senhor enxerga o papel das relações mú-

tuas, das interações, nesses processos de mudança?

José Luiz Braga: Entendo a resistência de Ciro, no que se refere a considerar a comunicação como troca ou compartilhamento. “Compartilhar”, de certa forma, implica que as pessoas trazem alguma coisa prévia e pronta – anterior a qualquer experiência comunicacional – e se põem a trocar estas ideias, propostas, experiências vividas, conhecimentos, tomadas de posição, sentimentos.

Há dois limites na visão das “trocas”: não se sabe onde e como foi gerado o que é trazido; e isso apenas segue adiante, sem modificações. Dá a impressão de um processo de simples escambo entre as pessoas – o que não parece ser uma boa apreensão do que ocorre na comunicação. Diversamente, produzimos ideias em um processo comunicacional; e as ideias que já cheguem prontas em uma interação (vindas de interações anteriores) igualmente se transformam.

Concordávamos, também, no que se refere ao âmbito do recebimento. Também adoto a fórmula de que a comunicação está na escuta – expresse essa sintonia no artigo “Interação como contexto da comunicação” (2012). Creio, mesmo, que há uma retroação da escuta sobre as falas e outras expressões. A posição da fala se constitui também como uma relação de atenção para com a escuta.

Entretanto, se é efetivamente importante dar um destaque à escuta e ao que leva, aí, as transformações de quem escuta – “o que supõe minha disponibilidade de receber esse novo, um encontro com a alteridade do outro”, na excelente formulação de **Ciro** (2011, p. 172) – observo que limitar a atenção a esse aspecto unidirecional faz esquecer que, nas interações da sociedade, no mesmo momento em que cada pessoa ou grupo “A” se dispõe à escuta e a receber a incidência da alteridade (de “B” – outra pessoa ou grupo), no mesmo processo, “A” é alteridade para “B”.

Como “A” produz suas incidências em “B” no mesmo episódio em que “B” incide em “A” (ainda que não igualmente), não há razão para separar esses dois subprocessos, como se fossem independentes entre si. Podemos considerar que, na interação social, a comunicação se manifesta (tentativamente – pois não há garantias nem causalidade determinista) na forma de reverberações mútuas, com transformações entremeadas.

Isso não nos leva de volta para “trocas e compartilhamentos”, pois não estamos mais falando de um escambo de elementos prévios e prontos – e sim incidências, tensões, acordos e divergências. Temos processos transformadores (em diferentes graus) ocorrentes na própria interação. Há elementos anteriores, trazidos pelos participantes, similares ou diversos, e uma possibilidade sempre presente de transformação, com resultados ali mesmo gerados.

Mas ter essa posição implica não nos circunscrevermos a mudanças intensas e transformadoras. Como tive ocasião de escrever e de debater com **Ciro**, certamente essas transformações intensas ocorrem, e com a raridade assinalada por ele. Mas creio que uma pequena ampliação do foco

de atenção pode resultar em uma heurística mais abrangente sobre os processos observados. Em vez de apenas descobrir os momentos em que tais transformações ocorrem, podemos observar toda e qualquer interação, e perguntar – o que ocorre, aqui? Em que modos? Com que intensidade e relevância? Que dinâmicas de transformação se põem em marcha? Com que resultados (positivos, irrelevantes ou negativos)?

Encontraremos, certamente, nos momentos raros em que ocorrerem, aquelas transformações intensas, repentinas e autopercebidas pelos participantes – e será rico percebê-las em sua especificidade. Mas encontraremos, também, uma riqueza na diversidade de características outras, que nos aproximarão de uma perspectiva mais perceptiva, com relação à comunicação humana.

Carlos Eduardo Souza Aguiar: Qual é a importância do debate acadêmico para o desenvolvimento do pensamento e da pesquisa, como esse que o senhor estabeleceu com o Professor **Ciro Marcondes**?

José Luiz Braga: É preciso, preliminarmente, assinalar que nossa área não construiu ainda uma tradição sistemática de debates e controvérsias. Até os anos 1990, estas ocorriam ao sabor de iniciativas individuais ou de pequenos grupos. Na verdade publicávamos pouco, com a exceção de alguns colegas mais ativos.

Embora algumas experiências ocorressem, entidades de pesquisa fossem criadas, iniciativas de um ou outro PPG, quero destacar a fundação, em 1991, da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. O motivo do destaque é o fato de que, desde o início, a estrutura dos Encontros Anuais implicava um número reduzido de textos selecionados (estabilizados em dez por

“Ir à Compós” se tornou um elemento de estímulo para a pesquisa na área. O retorno ao cotidiano, após essa participação, é sempre energizado por reflexões necessárias e revisões de abordagens.

GT), Isso assegura, ao lado da apresentação sumária do texto (previamente lido pelos participantes), a de um relato crítico, seguido de debate pelos demais participantes.

Na época da criação da Compós, éramos apenas sete PPGs em Comunicação. Tenho a convicção de que o avanço da área, nesses 31 anos, tem nessa característica do debate uma de suas dinâmicas mais significativas.

Ciro foi um dos participantes regulares do GT de Epistemologia. Comecei a participar desse GT apenas em 2007. Participei, antes, de outros GTs (de Estudos do Discurso, de Recepção, de Comunicação e Política, de Experiência Estética, de Sociabilidade) – em todos encontrando essa mesma prática do debate levada a sério e aprendendo o valor produtivo da controvérsia acadêmica.

“Ir à Compós” se tornou um elemento de estímulo para a pesquisa na área. O retorno ao cotidiano, após essa participação, é sempre energizado por reflexões necessárias e revisões de abordagens. A Compós foi antecedida por outras experiências de organização de entidades (como a Abepec, a Abecom), das quais a Intercom se firmou e hoje assegura o maior espaço de encontro de estudiosos da Comunicação, oferecendo um âmbito relevante de interação e apoio mútuo. Outros espaços vão sendo desenvolvidos, como o das entidades especializadas.

Mas ainda temos caminhos a percorrer, no que se refere a uma prática sistemática de controvérsias acadêmicas, e sobretudo

sua entrada nos hábitos como uma prática natural e necessária no processo do conhecimento. Marcelo Dascal, nascido no Brasil e professor de Filosofia da Linguagem na Universidade de Tel-Aviv, recentemente falecido, faz a seguinte proposição:

A ciência se manifesta em sua história como uma sequência de controvérsias; estas são, portanto, não anomalias e sim o “estado natural” das ciências; é nas controvérsias que se exerce a atividade crítica, que se constitui dialogicamente o sentido das teorias, se produzem as mudanças e inovações, e se manifesta a racionalidade ou irracionalidade da tentativa científica. (DASCAL, 1995, p. 14).

É esse “estado natural” que devemos considerar como a cultura acadêmica por excelência. Sei que, para Giro, assim como para mim, e outros colegas igualmente afeitos ao debate, às objeções, à controvérsia acadêmica, esse é o sentido dos “desacordos” – um processo completamente diferente de disputas “para ver quem tem razão”. Trata-se antes de estimulação mútua, de desafio de aprofundamento das próprias ideias, da decisão popperiana de “pôr à prova”, intencionalmente, essas ideias, para descobrir, para além de nossas convicções, o que é preciso desenvolver.

Assim, não nos aproximamos *malgrado* nossos debates – essa aproximação, acadêmica e pessoal, se faz, justamente porque discordamos e debatemos.

Carlos Eduardo Souza Aguiar: Professor José Luiz Braga, para finalizar, para o senhor, qual será o legado do pensamento de **Ciro Marcondes** para a reflexão epistemológica da comunicação no Brasil?

José Luiz Braga: **Ciro Marcondes** publicou mais de 50 livros. Esse acervo impressionante representa uma fonte de percepções filosóficas, científicas e críticas sobre o ambiente social e histórico em que a comunicação se tornou uma questão incontornável. Estará disponível para os estudiosos, tanto de comunicação como de história da ciência.

Não sou um conhecedor sistemático de sua obra – acompanhei sobretudo as matérias que entravam mais diretamente em minha área de estudo. Nessa circunstância, percebo que os legatários de primeira linha serão os orientandos de **Ciro Marcondes**, alguns dos quais têm se mostrado dedicados comentaristas e divulgadores. Para estes, eu sugeriria que o melhor modo de dar continuidade a esse legado será sobretudo o de assegurar seu desenvolvimento no exercício de outras e novas problematizações, propostas, teorizações e descobertas.

A continuidade de uma obra se faz mais pelo que ela possa, heurísticamente, estimular, alimentando novas pesquisas, do que apenas pelo acolhimento e aplicação direta de suas percepções. Mormente em um momento no qual uma disciplina começa a desenvolver seu perfil e suas contribuições.

Para além do âmbito privilegiado dos orientandos, entre os melhores conhecedores da produção de **Ciro Marcondes** há vários colegas, como por exemplo **Lucrécia Ferrara**, da PUC-SP, **Luiz Signates**, da UFG, **Luís Mauro Martino**, da Cásper Líbero, **Maurício Liesen**, da UFPR (este também foi orientando de **Ciro**). O conhe-

cimento disseminado assegura uma continuidade através do estímulo heurístico. **Signates** se preparava, em 2020, a fazer um pós-doc com **Ciro Marcondes** – equilibrando apreciações e tensionamentos estimulantes sobre as propostas de **Ciro**. Tenho a convicção de que ocorreriam desenvolvimentos significativos, de parte a parte.

De minha parte, quero assinalar como contribuições duradouras de **Ciro Marcondes** sua defesa reiterada da importância dos estudos de Comunicação; e um ponto central de suas proposições, que é o de enfatizar o aspecto de transformação como inerente ao processo comunicacional – de fato, muito mais relevante que a impressão de mera passagem e “influência” que predominou no século XX, que **Ciro** com pertinência criticava.

*

É uma dupla lástima não termos mais **Ciro Marcondes** entre nós. Primeiro, por sua ausência pessoal, em momentos de nossa história em que ele continuaria a ter coisas novas, críticas, propositivas e polêmicas a oferecer, contribuindo com um pensamento original e estimulante. Depois, para contrapor outras visadas ao que a área vai descobrindo – que continuariam a tensionar o que fazemos, nos exigindo desenvolvimentos que só a controvérsia tem a possibilidade de direcionar.

O texto de **Ciro** no GT de Epistemologia da Compós, em 2019, tem o título “Hora de reescrever as teorias da Comunicação”. Esse texto faz parte do dossiê de debates do GT de Epistemologia daquele ano, publicado pela Revista *Questões Transversais*. Cada artigo foi acompanhado do relato crítico e de uma réplica do autor. O relato do texto de **Ciro** foi feito por **Luiz Signates**, com o título “Bordejando fronteiras”, e a réplica de **Ciro** é “Navegar em

Ciro Marcondes publicou mais de 50 livros. Esse acervo impressionante representa uma fonte de percepções filosóficas, científicas e críticas sobre o ambiente social e histórico em que a comunicação se tornou uma questão incontornável.

águas oscilantes”. O estudo conjunto que Signates faria com *Ciro* seria, com certeza uma demonstração da potencialidade dos debates na área acadêmica.

Tenho a certeza de que, hoje, *Ciro* leria criticamente esta entrevista, oferecendo repares e novos estímulos. Sua presença, pessoal e intelectual, nos falta.

Referências bibliográficas

BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente – tentativa. *Matrizes*, Ano 4, n. 1, jul./dez. São Paulo: ECA/USP, p. 65-81, 2010. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/179/300>

BRAGA, José Luiz. Interação como contexto da comunicação. *Matrizes*, Ano 6, n. 1, jul./dez, São Paulo: ECA/USP, p. 25-41, 2012.

BRAGA, José Luiz. A Comunicação e o senso comum. *Revista Paulus*, v. 3, p. 27-46, 2019.

BRAGA, José Luiz. Comunicação e Aprendizagem. **IV Seminário Internacional de Mídia-tização e Processos Sociais**. Vídeo, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NPJK7fz0DS4&t=30s>

BRAGA, José Luiz. **O desafio comunicacional**. GT Epistemologia da Comunicação, 31º Encontro Anual da Compós, 2022.

MARCONDES FILHO, *Ciro*. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Editora Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO, *Ciro*. Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luiz Braga. *Matrizes*, Ano 5, n. 1, ago./dez. São Paulo: ECA/USP, p. 169-178, 2011. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/205/pdf>

MARCONDES FILHO, *Ciro*. **De repente, o prédio falou comigo**. Anotações sobre experiências metapóricas em Teoria da Comunicação. Apresentado no GT Epistemologia da Comunicação, no 20º Encontro Anual da Compós. Porto Alegre, UFRGS, 2011. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2011/papers/de-repente--o-predio-falou-comigo--anotacoes-sobre-experiencias-metaporicas-em-teoria-da-comunicacao>

MARCONDES FILHO, **Ciro**. **Pequenas Percepções, Grandes Mudanças**. Sobre a solidão, o tédio e a angústia dos jovens na era das altas tecnologias. Apresentado no GT de Epistemologia da Comunicação, no 27º Encontro Anual da Compós, Belo Horizonte, PUC-MG, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2018/papers/pequenas-percepcoes--grandes-mudancas-sobre-a-solidao--o-tedio-e-a-angustia-dos-jovens-na-era-das-altas-tecnologias#>

MARCONDES FILHO, **Ciro**.

Hora de reescrever as teorias da comunicação (artigo de **Ciro Marcondes Filho**); p. 4-12

Bordejando fronteiras (**Luiz Signates** comenta o artigo de **Ciro Marcondes Filho**), p. 108-110.

Navegar em águas oscilantes (Réplica de **Ciro Marcondes Filho** a **Luiz Signates**), p. 111-112.

Questões Transversais – Revista de Epistemologia da Comunicação. São Leopoldo: Unisinos, v. 7, n. 14, 2020. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/issue/view/828>

MARCONDES FILHO, **Ciro**. A construção do conhecimento entre o social e o comunicacional. **IV Seminário Internacional de Mdiatização e Processos Sociais**. Vídeo, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E4TRIhoKMnQ&t=133s>

DASCAL, **Marcelo**. Epistemología, controversias y pragmática. *Revista Isegoría*, 1995. Disponível em: <https://isegoria.revistas.csic.es/index.php/isegoria/article/view/239/239>

 Data de recebimento: 01/06/2022

Data do aceite: 10/06/2022

Dados dos autores:

José Luiz Braga

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4251781990514288>

Professor Visitante na Universidade Federal de Goiás. Professor Emérito da Unisinos. Foi Professor Titular e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos (RS) de 1999 a 2021, tendo coordenado o Programa de 2002 a 2004. Foi Pesquisador 1A do CNPq até 2021. Doutor em Comunicação pela Université de Paris II, Institut Français de Presse (1984). Mestre em Educação pela Florida State University. Foi pesquisador em TV Educativa no Instituto de Pesquisas Espaciais (Projeto Saci). Foi professor no Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (1978-87) e da Universidade de Brasília (UnB) (1987-99), tendo sido, nesta última, Diretor da Faculdade de Comunicação. Foi Presidente da COMPÓS (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação) gestão 1993-95.

Carlos Eduardo Souza Aguiar

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4612171463130805>

Doutor em Sociologia pela Université Sorbonne Paris, mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP (bolsista Fapesp), especialista em Ciências da Religião pela PUC-SP e graduado em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas, Filosofia e Ciências Sociais pela USP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da graduação da Faculdade Cásper Líbero. Professor contratado do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP na especialidade de Teoria e Pesquisa em Comunicação. Professor dos cursos de comunicação social e filosofia da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom).